

A PAZ INTERIOR

INTRODUÇÃO

Diante de um mundo tão cheio de conflitos, a palavra PAZ soa como uma utopia, e o homem perdido dentro de si mesmo não consegue experimentá-la.

Em João, 14:27, Jesus nos anima dizendo:

“Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou. Não vo-la dou como o mundo a dá. Não se perturbe nem se intimide vosso coração.”

Infelizmente, esse presente que nos foi ofertado por Jesus ainda não entrou no coração das pessoas; e, atônitos, temos assistido a acontecimentos provocados por pessoas que têm seus corações perturbados, provocando inquietação social, mortes e medo.

Se procurarmos entender o porquê de tanta violência a que estamos assistindo, a resposta será sempre a mesma: falta de paz no coração das pessoas.

A paz interior é uma busca constante no nosso processo de amadurecimento espiritual, mas nem sempre conseguimos deixar de nos intimidar pelo mal, daí os nossos medos, nossas inseguranças e desvios.

O medo é o maior carcereiro, aprisiona-nos em nós mesmos e nos impede de agir. A tendência de quem está com medo é ficar parado, sem ação e fragilizado. E, com esse estado emocional, somos presas fáceis para o mal agir em nós. Quando não nos deixamos perturbar nem nos intimidar pelos acontecimentos, ficamos mais fortes e capazes de vencer os conflitos internos e externos, por isso Jesus volta a nos dizer: ***“Não se perturbe o vosso coração. Crede em Deus, crede também em mim.” (João, 14:1)***

Crer em Deus é uma postura libertadora que nos anima a seguir adiante e nos torna capazes de enfrentar, sem medo e confiantes, os desafios que a vida nos oferece.

A busca da paz é tão importante para nós que, em outra oportunidade, quando Jesus apareceu aos

discípulos, que estavam de portas fechadas com medo dos judeus, pondo-se no meio deles, disse: “*A paz esteja convosco.*” (João, 20:19)

Por que Jesus ofertou a paz a seus discípulos naquele momento? Porque os corações deles estavam perturbados com a morte de Jesus e com medo dos judeus. Quando nos deixamos perturbar pelos acontecimentos, somos presas fáceis para que no nosso coração se instale pensamentos negativos, como medo, ódio, revolta, desejo de vingança, etc. Somos imprevisíveis em nossas reações e, muitas vezes, perdemos o controle delas.

A nossa humanidade carrega sentimentos bons e ruins. E, quando nos sentimos feridos ou machucados, somos capazes de reações violentas e até mesmo desumanas, como temos visto, recentemente, assassinatos de pessoas inocentes em atentados amplamente divulgados pela mídia.

O nosso medo nos faz pessoas encurvadas. E, quando estamos de pé, somos pessoas livres. Nascemos para ser livres, mas, para isso, precisamos ter os pés fincados no chão, que é a nossa realidade.

Santo Irineu disse que a glória de Deus é que o homem esteja de pé. Todos os encurvados, Jesus colocou-os de pé, porque são os pés que semeiam.

Os pés dos cristãos são como lápis que escrevem, no chão da vida e das estradas duras, a glória de Deus. Precisamos tomar consciência de que somos apenas viajantes no tempo que Deus nos concedeu e escrever com a nossa vida uma grande história de amor.

Somente surgirá um novo olhar nas pessoas no momento em que elas descobrirem que tudo começa e termina no amor, porque ele é a fonte geradora de toda a criação e a revelação de uma forma visível e sensível da face oculta do próprio Deus. É o grande caminho a se percorrer e a meta a ser alcançada por cada um de nós que viajamos no tempo em busca da eternidade.

EXPERIÊNCIAS DE AMOR

A essência de tudo está no AMOR, sem ele, tudo perde o seu valor e o seu sentido.

São Paulo, na 1ª Carta aos Coríntios, Cap. 13:1-3, nos faz uma forte advertência da necessidade de termos o AMOR como a nossa grande fonte de referência e diz que devemos colocá-lo no centro de tudo o que fazemos como o grande movente de nossos atos ou realizações.

Mas, para nós, a descoberta dessa realidade de Deus, somente pelo conhecimento, não nos faz dar grandes passos na modificação do nosso olhar para as pessoas, ou para as coisas, porque, para que isso aconteça, é preciso que a experiência do amor passe pelo nosso afetivo, e possamos experimentar, de forma concreta e sensível, o amor em nossa vida. O amor se sente, não se vê. O que nós vemos são os seus frutos, e esses frutos revelam uma presença oculta, que se torna visível aos nossos olhos pelos sinais que deixa.

O amor, portanto, não é um sentimento que carregamos, e sim uma presença que se instala dentro de

nós com uma grande força transformadora que nos impulsiona a gerar vida em tudo que tocamos ou que de nós se aproxime.

Experimentar esse amor é ter uma experiência de eternidade, porque a sua origem é divina, e todos os desvios, erros ou deformações acontecem a partir da nossa humanidade mal formada, imperfeita e egoísta. Como a nossa humanidade é pecadora, luta com todas as forças para impedir que sejamos conduzidos exclusivamente pelo AMOR, o que seria, em última análise, sermos conduzidos unicamente pelo próprio Deus.

O nosso processo de conversão nada mais é do que a Purificação do nosso Amor, e se fará à medida que deixarmos o nosso humano se fragilizar para irromper o divino que está em nós, no seguimento de uma pessoa que se fez caminho, o próprio Jesus.

É importante lembrar que há amor em tudo que Deus faz ou permite que aconteça, existe um *para quê* mesmo nos acontecimentos mais dolorosos que passamos. Essa descoberta é libertadora e trará um profundo equilíbrio à zona mental de nosso ego, que muitas vezes recebe de nosso superego cargas de negativismo por não entendermos que tudo é bom e faz parte de nosso processo de salvação.

Temos que ter consciência de que vivemos o resultado das escolhas que fazemos, porque tudo tem consequência. Se optarmos em fazer o bem, receberemos de volta o bem que fazemos. Se optarmos em fazer o mal, ele se voltará contra nós, por isso Jesus nos adverte: ***“Com a medida com que medis, sereis medidos.”*** (Mateus 7:2)

Nunca fugiremos dessa regra; é ledó engano pensar diferente.

Seria bom nos perguntarmos agora: **quais os acontecimentos que ainda me fazem sofrer quando os trago ao nível da consciência? O que me acrescentou? Como me relaciono hoje com as pessoas envolvidas?**

Quando Deus nos criou com liberdade, preferiu correr o risco de criar pessoas livres a criar marionetes, para que o seu relacionamento amoroso conosco tivesse a força do diálogo. O nosso livre arbítrio nada mais é do que poder escolher entre o amar e o não amar.

A nossa liberdade é, portanto, da essência do amor, tanto que ninguém comanda o amor, ninguém compra nem pode limitá-lo.

O modo de amar pode até estar dentro de certo controle, mas a intensidade não, porque está diretamente ligada ao sentimento, por isso também não pode ser imposto. Ninguém pode ser obrigado a amar e muito menos a deixar de amar. A força do amor é muito maior do podemos imaginar, e, por amor, somos capazes de realizar até atos heroicos.

Jesus nos chama para assumirmos a nossa condição de filhos de Deus. É um chamado, e não existe chamado sem que tenha uma relação pessoal com quem o chama.

Somos chamados a viver no amor como filhos de Deus.

Para esse seguimento, precisamos abrir mão de nossas seguranças e nos tornar frágeis como crianças nas mãos de Deus. Aliás, o próprio Jesus, em Mateus 18:3, nos diz que, para alcançarmos o Reino de Deus, temos que voltar a ser criança, o que nada mais é do colocar toda a nossa confiança e esperança no amor de Deus.

Essa é a grande luta que o ser humano sempre teve com Deus. Foi a luta de Adão e é a nossa luta. Não queremos ser frágeis, dependentes de Deus.

Somos chamados a seguir Jesus. Mas, para respondermos a esse chamado, é preciso que façamos a opção por Jesus. Esse processo, poderíamos identificá-lo em três tempos:

- a) o chamado de Jesus;
- b) a opção por Jesus;
- c) o deixar-se conduzir por Jesus.

Cada pessoa tem um chamado pessoal com motivos diferentes e respostas diferentes, por isso, graças a essa individualidade, somos favorecidos com a diversidade de dons, todos igualmente necessários para que se implante o reino de Deus entre nós.

A motivação está na linha da nossa história pessoal. Nesse caso, entra a história da nossa vida enriquecida pelos nossos dons e carismas para construir a nossa história de salvação.

Mesmo numa missão comum, cada um de nós leva sua experiência pessoal de vida e seus talentos, que vão se exteriorizar na aptidão para execução de determinadas tarefas dentro de um mesmo trabalho.

A diversidade de motivações leva a respostas diferentes dentro de um chamado para a execução de um mesmo serviço apostólico.

Na diversidade de carismas, enriquecemos o serviço do Reino de Deus, por isso temos que, quando formarmos um grupo, acolhermos com muita abertura as diferenças entre os seus integrantes. Quando queremos partir para um padrão de comportamentos e respostas, empobrecemos o grupo, porque limitamos a sua criatividade, que se desenvolve na diversidade.

Todo grupo que castre o desenvolvimento dos carismas pessoais tende a morrer, porque interfere no campo espiritual de seus membros e quebra a unidade, a força unitiva do Espírito, que, conhecendo um a um, coloca-os lado a lado para formarem um todo.

É preciso que a gente acredite: quem nos coloca juntos nos conhece profundamente.

Mas, dentro de um processo de liberdade, para ter ressonância em mim e em minha vida o chamado de Jesus, é preciso que eu tenha a coragem de fazer a opção por Jesus. Opção ousada, porque, ao optarmos por Jesus, optamos pela pobreza, pelo desapego, pela rejeição, pelos fracos, pelos necessitados e pela cruz. Fazemos opção pelo servo sofredor, pelo Cristo, que foi pobre e marginalizado, incompreendido e rejeitado, abandonado inclusive pelos seus próprios

seguidores e, sendo o único justo, foi vítima da própria 'justiça' humana.

Seria então o momento de cada um parar e se perguntar:

Eu já fiz a minha opção por Jesus?

Eu escolhi o caminho de Jesus embora soubesse que esse caminho também poderia me levar à cruz?

Eu optei, como Jesus, ficar ao lado dos fracos, contra os poderosos, ao lado dos necessitados e marginalizados e sofrer com eles a marginalização?

Estou disposto a assumir a pobreza espiritual e, se for da vontade de Deus, a atual?

Ou estou brincando de cristão, fantoche de discípulo que não tem coragem de ser apóstolo porque não tem coragem de denunciar o pecado?

O que tenho medo de perder?

Somos chamados a experimentar um amor maior, amor de discípulo, e todo cristão recebe esse chamado.

O amor fragiliza o nosso ser diante do amado. Quem ama tem um dono, e o dono é o amado, porque amar é uma atitude de entrega total e irrestrita que nos lança em dois terrenos até então pouco conhecidos, que são o nosso mistério e o mistério do outro.

Embora amar seja a grande vocação do ser humano, lamentavelmente não fomos educados no amor, nem preparados para amar, por isso a primeira sensação de quem se defronta em sua vida com o AMOR em sua plenitude é ter medo.

Temos medo de amar, porque reagimos a nos entregar e, aí, nos fechamos, abafando o amor. Na verdade, conhecemos e experimentamos o amor materno, o amor filial, o amor de esposo e, às vezes, na superficialidade, o amor de irmão. Mas geralmente esses amores vêm carregados de inadequações, desvios e distorções, porque são amores não purificados, que não chegam a preencher o grande vazio que existe no coração das pessoas, que somente consegue ser preenchido pelo AMOR TOTAL, que é a expressão do próprio Deus.

Esses tipos de amor aos quais nos referimos, na verdade, são pedaços de amor que estão entrelaçados à nossa humanidade e que chegam até nós,

quase sempre, acompanhados de conceitos, esquemas, exigências e preconceitos que nos distanciam da pureza do amor de Deus e da liberdade de amar para a qual fomos criados.

Como o AMOR é pura relação, quando nos relacionamos, temos dificuldade de estabelecer uma relação verdadeira com o outro sem mascarar nossas fragilidades, porque temos medo de mostrar a nossa verdade para o outro, principalmente, as nossas trevas. É muito difícil nós aceitarmos esse lado da nossa humanidade pecadora, que caminhará conosco durante toda a nossa vida, em processo de purificação.

Temos também dificuldade de acolher a verdade do outro, que é sempre diferente daquela que imaginamos ou gostaríamos de encontrar. A humanidade do outro nos leva a enxergar a nossa própria realidade e nos dá referência de nós mesmos. Quando nos fechamos a uma relação com o outro, afastamos o próprio Deus do meio de nós.

Nós nos perdemos no AMOR, pela dimensão incalculável e inatingível que tem e nele nos encontramos porque, em confronto com ele, podemos ter uma percepção verdadeira da nossa identidade. Somos pedaços do amor de um Deus repartido, que nos fez a sua imagem e semelhança.

O que nos identifica como filhos de Deus é justamente o AMOR, e será sempre, nesse caminho do amor, que percorreremos toda a nossa história de salvação e, nele, seremos julgados.

A diferença entre cristianismo e ideologias é justamente porque, no cristianismo, somos chamados a seguir uma pessoa: a pessoa de Jesus; e, na ideologia, somos chamados a seguir um ideal, e um ideal é mais fácil de driblar. O ideal explica, justifica, mas não confronta; o confronto revela, identifica, mostra a verdade, por isso converte.

Jesus teve o cuidado de pedagogicamente nos povoar de exemplos e comparações que explicitam um novo caminho a seguir, com valores bem diferentes e, até mesmo, opostos aos que o mundo nos oferece, mas nós temos medo de segui-lo.

Deus, por intermédio dos profetas, já havia nos alertado de que os seus caminhos não são os nossos (Isaías 55:9). E Jesus, com a sua vida, suas palavras e suas observações, veio nos traduzir essas diferenças, por isso todo o nosso confronto com a verdade se faz na pessoa de Jesus, *que é a própria Verdade* (João 14:6).

Olhando a vida de Jesus desde a Encarnação até a Paixão, é que podemos avaliar nossas posturas, nossos sentimentos, nossas intenções, encontrando NELE o elemento discernidor que nos fará encontrar a vontade de Deus para cada um de nós.

A pessoa de Jesus nos revela o próprio Deus, que é Amor, e a sua vida explicita esse Amor.

No mistério da Encarnação, vamos encontrar um Deus esvaziado de sua glória e de seu poder, que se autolimitou na condição humana para vir até nós na condição de uma criança, e de uma criança pobre para solidarizar-se com os pequenos, com os marginalizados e excluídos da sociedade.

No caminho do rebaixamento, portanto, da pequenez, do menor, é que nos identificaremos e encontraremos a nossa semelhança com o Pai. No silêncio da sua vida oculta, Jesus caminhou como um pobre, sem voz, sem prestígio, numa postura discreta, sem chamar a atenção para si.

E nós, como estamos caminhando? Seria bom nos perguntar.

Quando chegou a sua hora de falar, Jesus não pegou em armas contra as estruturas injustas de seu